



BARBÁRIE

O Estado dominado por “verdadeira máfia”

Facção ignora poder público, “julga” e executa comparsas como castigo por supostamente terem se enganado e matado médicos no Rio

» HENRIQUE LESSA
» ALINE BRITO

Com um espetáculo de horror, o crime organizado mostrou que, longe de ser um poder paralelo, é a força implacável no Rio de Janeiro — com tentáculos espalhados pelo país —, ante uma segurança pública inoperante, que acumula sucessivos fracassos no combate às facções. Dezessete horas depois da chacina de três médicos na Barra da Tijuca, Zona Oeste da capital fluminense, o chamado “tribunal do crime” executou os quatro supostos assassinos dos ortopedistas.

A versão da Polícia Civil é de que os médicos Perseu Ribeiro de Almeida, Marcos de Andrade Corsato e Diego Ralf Bonfim foram mortos por engano. Perseu teria sido confundido com um miliciano. Por causa do suposto “erro” e da repercussão da chacina, líderes do Comando Vermelho que estão presos no complexo penitenciário de Gericinó, em Bangu, teriam feito uma videoconferência, “julgado” os quatro subordinados e os condenado à morte — ontem de manhã, 22 celulares foram apreendidos dentro da penitenciária.

“É um problema do Brasil, e temos que parar de achar que é pontual. Só conseguiremos ter sucesso no combate à criminalidade se for um combate de todos: estados, governo federal e prefeituras. Não é uma briga de traficantes e milicianos”, discursou o governador do Rio, Cláudio Castro (PL). “É uma verdadeira máfia, que tem entrado nas instituições, nos Poderes, no comércio, nos serviços, inclusive no sistema financeiro nacional.”

Castro prometeu que as investigações seguirão para a identificação de todos os envolvidos. “Iremos até o fim para combater essas organizações criminosas, essas máfias. Aqui no estado, cumprimos com a nossa responsabilidade e enfrentaremos de forma implacável essas organizações criminosas”, enfatizou. “Não retrocederemos um milímetro sequer para essas máfias. Não existe crime por engano, e o estado não vai recuar.”

O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Ricardo Cappelletti, que estava na coletiva, ressaltou que o governo federal vai ampliar a parceria entre o Executivo fluminense e a Polícia Federal. “O ministro Flávio Dino determinou, e nós vamos ampliar as ações de inteligência aqui no estado do Rio de Janeiro”, prometeu. Ele fez questão de ressaltar a necessidade de união das esferas governamentais, independentemente de ideologias.

O governador reforçou a declaração de Cappelletti. “É importante deixar claro: eu não apoiei o presidente Lula, ele não me apoiou. Isso não é uma questão política, isso é uma questão de segurança pública”.

Castro disse que a investigação da Polícia Civil obteve, em menos de 12 horas, a confirmação dos autores do crime brutal contra os médicos, mas que as forças do estado foram surpreendidas pela ação das “máfias” com seu “pseudotribunal do crime”, que eliminou os executores.

“O que nos parece é que até eles se indignaram com a ação dos seus próprios e fizeram essa punição interna. Temos de achar,

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Cláudio Castro (D), com Cappelletti: “Tem que ver se foram todos, se tinha mais gente envolvida, a investigação não muda em nada”



É um problema do Brasil, e temos que parar de achar que é pontual. Só conseguiremos ter sucesso no combate à criminalidade se for um combate de todos: estados, governo federal e prefeituras. Não é uma briga de traficantes e milicianos”

Cláudio Castro (PL),
governador do Rio de Janeiro

inclusive, quem cometeu esse segundo assassinato. O estado não se abala. É óbvio que eles já sabiam quem tinha sido, foram à frente e puniram”, destacou. “Tem que ver se foram todos, se tinha mais gente envolvida, a investigação não muda em nada”, garantiu.

O chefe do Executivo fluminense descartou qualquer motivação política envolvendo o fuzilamento dos ortopedistas. Inicialmente, havia a suspeita de que as mortes poderiam ser um “recado” por causa da atuação política da deputada Sâmia Bomfim (PSol-SP), irmã de uma das vítimas, Diego Ralf Bomfim, ou do deputado Glauber Braga (PSol-RJ), marido da parlamentar.

A hipótese, no entanto, foi descartada horas depois da chacina, quando a polícia constatou que Perseu de Almeida foi confundido com Taillon de Alcântara Pereira Barbosa, filho do miliciano Dalmir Pereira Barbosa. (Colaborou Henrique Fregonasse)

Trajeto dos assassinos após o crime



Vingança por comparsa

A Polícia Civil do Rio de Janeiro concluiu que os três médicos foram mortos por engano porque um deles — Perseu Ribeiro de Almeida — foi confundido com o alvo dos criminosos. Segundo a investigação, em 16 de setembro, uma milícia que atua na Zona Oeste do Rio matou o traficante Paulo Aragão Furtado, conhecido como Vin Diesel. Esse assassinato, no bairro Gardênia Azul, na Zona Oeste, teria sido cometido sob as ordens de Taillon de Alcântara Pereira Barbosa, filho de Dalmir Pereira Barbosa, o líder dessa milícia.

Furtado era aliado de Philip Motta Pereira, o Lesk, que era miliciano e aderiu à facção criminosa Comando Vermelho. Lesk passou a planejar a morte de Taillon, como vingança. Esse alvo havia sido preso em dezembro de 2020, e de março a setembro deste ano cumpriu prisão domiciliar em sua casa, na Avenida Lucio Costa, na Barra da Tijuca. Desde 29 de setembro, quando ganhou liberdade condicional, passou a ser procurado pelo grupo adversário, de acordo com suspeitas da polícia.

Na noite de quinta-feira, um criminoso viu o médico Perseu de Almeida com três amigos em um quiosque na Avenida Lucio Costa e o confundiu com Taillon — eles são parecidos fisicamente, e o médico estava muito próximo da casa de Taillon. Lesk, então, **acionou seus comparsas**, e quatro homens foram até o quiosque, onde executaram Perseu e dois de seus três colegas — o quarto médico sobreviveu (**leia reportagem na página 4**).

Diante do engano, líderes do Comando Vermelho, a quem Lesk era subordinado, teriam feito uma reunião horas depois da chacina para “julgar” Lesk e os demais criminosos que mataram os médicos. A videoconferência contou com a participação de líderes que estão presos na penitenciária Gabriel Ferreira Castilho, conhecida como Bangu 3. O veredito foi morte.

Até a tarde de ontem, a polícia havia divulgado o nome de dois dos quatro mortos: Lesk, que estava no porta-malas de um Toyota Yaris abandonado na Gardênia Azul, e Ryan Soares de Almeida, que estava com outros dois corpos em um Honda HR-V abandonado no bairro Camorim.

Ligação telefônica

Momentos antes do assassinato dos médicos, a Polícia Civil interceptou conversa telefônica — durante investigação que já estava em andamento sobre milicianos atuantes na Zona Oeste do Rio —, na qual um homem diz a outro que “acho que é Posto 2” e recebe uma resposta que é inaudível. A voz seria de Juan Breno Malta, o BMW, principal auxiliar de Philip Motta, o Lesk, ambos, segundo a polícia, ligados à milícia e ao tráfico. Lesk teria rompido com milicianos para aderir ao Comando Vermelho.